

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO

PEDRO GABRIEL CORRÊA DA SILVA

**FUTEBOL: UM INSTRUMENTO POLÍTICO NOS ANOS DE CHUMBO (1968-
1974)**

DUQUE DE CAXIAS – RJ

2020

PEDRO GABRIEL CORRÊA DA SILVA

**FUTEBOL: UM INSTRUMENTO POLÍTICO NOS ANOS DE CHUMBO (1968-
1974)**

Artigo Científico apresentado a
Universidade do Grande Rio –
UNIGRANRIO, como requisito para
obtenção do grau de Licenciado em
História.

Professor Orientador: Jansen Racco
Botelho de Melo

DUQUE DE CAXIAS, RJ

2020

PEDRO GABRIEL CORRÊA DA SILVA

**FUTEBOL: UM INSTRUMENTO POLÍTICO NOS ANOS DE CHUMBO (1968-
1974)**

Artigo Científico apresentado a
Universidade do Grande Rio –
UNIGRANRIO, como requisito para
obtenção do grau de Licenciado em
História.

Professor Orientador: Jansen Racco
Botelho de Melo

BANCA EXAMINADORA:

Prof: Jansen Racco Botelho de Melo
Orientador – Universidade do Grande Rio

Prof^a: Maria Eugênia Bertarelli
Membro – Universidade do Grande Rio

DUQUE DE CAXIAS, RJ

2020

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo compreender o processo de interferência no futebol e utilização desse esporte nacional, pela ditadura militar brasileira, através de propagandas, afim de legitimar suas políticas e aproximá-las com o povo, nos anos de chumbo (1968-1974), período de maior repressão do governo militar. Buscou-se entender a importância da seleção brasileira, principalmente na Copa do Mundo de 1970, e, também, dos clubes e campeonatos nacionais e regionais para a autopromoção política da Ditadura Militar. Verificou-se as ações realizadas entre o governo militar e a Confederação Brasileira de desportos (CBD) e seus interesses políticos alinhados com o futebol brasileiro, identificando o futebol como elemento fundamental da cultura do país e seu poder de transformação social. Para isso, o estudo foi realizado através de leitura sistemática de livros e outras teses, além de consultas a periódicos de jornais e revistas.

Palavras-chave: futebol, ditadura, propagandas, política.

ABSTRACT:

This research has the goal to comprehend the interference process in soccer and the utilization of this national sport, by the Brazilian military dictatorship, to advertisements, to legitimize the politics and to approaches them with the people, in the “lead years”, the most repressive period of the militarys governments in Brazil. In this paper, we sought to understand the importance of the Brazilian soccer National Team, mainly in the FIFA World Cup in 1970 and, also, the teams and the national and regional leagues realized to promote the dictatorship regime politics. The actions carried out between the military government and the Brazilian Sports Confederation (CBD) and their political interests aligned with Brazilian football were verified, identifying football as a fundamental element of the country's culture and its power for social transformation. For this, the study was carried out through systematic reading of books and other theses, in addition to consultations with newspapers and magazines.

Keywords: football, dictatorship, advertisements, politics.

1. INTRODUÇÃO

‘Futebol e política não se misturam’. Essa frase é bastante ouvida no século XXI. Entretanto, a Ditadura Militar do Brasil (1964-1985) é um exemplo de casos que podem mostrar uma outra visão, fora do senso comum, sobre a relação futebol-política. Esse trabalho irá abordar a forma como o governo militar utiliza o futebol como instrumento político no Brasil, nos anos de chumbo (1968-1974).

No Brasil, a ditadura militar durou longos 21 anos, de 1964 a 1985, com o total de seis presidentes militares. O artigo se insere na fase de consolidação do regime, partindo do final do governo final do governo Costa, e Silva, onde se decreta o ato institucional nº 5 e a busca por melhorias no campo futebolístico começam a aparecer. Posteriormente, percorre por todo o governo de Emílio Garrastazu Médici, que deixou o cargo de presidente em 1974.

Esse período foi conhecido como anos de chumbo, de fato o período mais duro da ditadura militar. Após decreto do quinto e mais severo ato institucional, que facilitava aos militares liberdades constitucionais, iniciou-se o período de maior repressão da ditadura militar, com medidas radicais que reforçaram a tortura, censura e a perda de direitos.

O artigo inicia com um capítulo dedicado ao significado do futebol para a sociedade, levando em consideração sua capacidade de transformação social, identidade e toda a paixão que o envolve. Segue, posteriormente, para a abordagem das relações entre a Confederação de desportos e o governo militar, tratando, depois, da seleção brasileira e das propagandas da ditadura antes, durante e depois da copa do mundo de 1970. Por fim, destaca-se a Taça da Independência, uma Mini Copa realizada no Brasil entre grandes seleções, e a criação do campeonato brasileiro para Plano de Integração Nacional (PIN).

2. A PAIXÃO NACIONAL CHAMADA FUTEBOL

Como explicar tamanha devoção? O futebol é uma paixão nacional, um elemento fundamental para a cultura do país, que move de forma coletiva o coração de milhões de brasileiros a um mesmo objetivo: o gol. Esse esporte alcançou imensa popularidade no país e se tornou, para muitos, uma religião, um orgulho nacional, que é ter o Brasil como o país do futebol e todas suas conquistas nas quatro linhas (DAMATTA, 1982). Por isso, ele é uma das ferramentas que possibilita uma transformação social que, além de mobilizar um enorme número de pessoas, representando uma consciência coletiva, é capaz de contribuir com o desenvolvimento social e redução de desigualdades. Segundo (DA MATTA, 2002, p.153), “O futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência de igualdade e justiça social. Pois, o futebol reafirma que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito podem efetivamente vencer”. Nesse sentido, relações privilegiadas não garantem a vitória nesse esporte de massa.

Há teorias que podem explicar como o futebol cultivou seu espaço e se tornou tão famoso no mundo, principalmente no Brasil. Eric Hobsbawm, por exemplo, acredita que uns dos motivos para o futebol se tornar um fenômeno mundial é o fato de esse esporte ser “barato” e simples (HOBSBAWM, 1995). No entanto, olhando para o Brasil, pode parecer um argumento simples. Daolio (1998) é quem melhor define, ele entende que o futebol é um modelo da sociedade brasileira, onde o esporte tem seu estilo próprio de jogo e transformou-se em uma característica cultural do povo brasileiro: “O futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem extravasar suas características emocionais profundas”, completa (DAOLIO, 1998, p.4).

O futebol verde e amarelo é como um amor que não se troca, capaz de fazer esquecer, em instantes, os problemas da vida cotidiana. É um amenizador. Sua popularização se deu quando mais horas de lazer tinham os proletariados. Isso fez com que praticassem por mais tempo, o que deu a esse esporte um papel fundamental nas sociedades industriais. O lado político no mundo futebolístico ganhou força a partir de 1930, quando o Estado percebeu tamanho poder que o futebol concentrava (GALEANO, 2004)

3. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS E A DITADURA

Para compreender a relação entre o futebol e o governo militar, é necessário apresentar a importante aproximação entre os presidentes militares Médici e Costa e Silva e a confederação brasileira de desportos (CBD), representada por João Havelange.

Na ditadura militar, a busca por um esporte mais forte teve seu pontapé inicial no governo Costa e Silva, onde passou a dialogar com mais frequência com presidente da CBD. João Havelange viria a dizer de que a confederação não recebia auxílio do governo e por isso não havia dinheiro o suficiente para manter a instituição no saldo positivo. Uma tentativa de João Havelange foi propor um sonho antigo, a Loteria Esportiva. Inicialmente, ela foi negada por Costa e Silva, porém, mais adiante, seria assinado como decreto-lei por Médici (CHAIM, 2014):

O problema vital da CBD, e conseqüentemente, do próprio esporte brasileiro é a falta de recursos financeiros. Afirmei em Salvador e reafirmei aqui em São Paulo: para uma atividade que exige Cr\$ 15.000.000.00, a cbf não têm recebido do poder público, através do Conselho Nacional de Desportos, mais do que Cr\$ 200.000.000.00. Só isto basta para evidenciar as dificuldades que enfrentamos para imprimir aos esportes pátrios o trabalho administrativo que sua indiscutível e grandiosidade requer. [...] recorreremos a casas comerciais, ao futebol profissional, a verbas oficiais e lutaremos pela criação da loteria esportiva. (Jornal Folha da Manhã, 05/10/1957, p.9)

João Havelange destacou a importância do futebol para o governo, que enxergou que essa paixão nacional seria uma peça válida para positivar a ditadura:

Só se reúnem 200 mil pessoas num comício de protesto ou num estádio onde se joga uma partida de futebol. É preferível reuni-las num

estádio. Eis porque acho que os governos, de todas as partes do mundo, deveriam dar maior amparo ao futebol. (A Gazeta esportiva, 31/07/1968. p. 8).

Médici assumia em 1969, no contexto do Ato Institucional nº 5, decretado por Costa e Silva, que reforçou a repressão contra a esquerda revolucionária e consolidou a censura aos meios de comunicação, além do fechamento do congresso nacional e outras mudanças radicais. Foi de fato um ato contrário ao direito que endureceu o regime e o soltou das amarras da legalidade (GASPARI, 2002).

Não há de se negar que, apesar de tudo, o então presidente era simpatizante do futebol, comparecia para assistir diversas partidas e usava isso a seu favor, mostrando-se interessado em desenvolver o futebol brasileiro. Dez dias antes da posse de Médici, João Havelange dizia:

O general garrastazu Médici, que torce ardemente pelo Grêmio, gosta do futebol em especial, mas também olha com grande simpatia todas as demais modalidades esportivas, o que é u orgulho para os desportistas brasileiros. Tenho certeza de que não nos negará apoio.” (A Gazeta Esportiva, 26/08/1969, p. 9)

A revista Veja realça a apresentação de Médici como um verdadeiro conhecedor do esporte e seu interesse com as quatro linhas:

todo país conhece o interesse do presidente Garrastazu Médici pelo futebol. Ele acompanhou a transmissão direta de Santos e Vasco na televisão do Palácio da Alvorada, e logo depois do milésimo gol enviou um telegrama a Pelé cumprimentando-o pelo feito. Antes mesmo da partida, a Presidência já havia convidado o jogador para um jantar na próxima quinta-feira. [...] A criação de um ministério dos Esportes tornou-se um dos seus sonhos maiores, assim que chegou ao governo. (Alegrias de um futebol-festa. Veja, 26/11/1969, p.56).

Todo um projeto que visava criar um momento de ânimo e abafar questões sociais, desviando a atenção quanto aos crimes praticados, como a repressão e a tortura, que, por sinal, aumentaram no Brasil presidido por Emílio Garrastazu Médici (CHAIM, 2014).

4. O CASO SALDANHA E A MILITARIZAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA

Aproximava-se a Copa de 70 e, sob o comando de João Saldanha, que aos poucos ganhava a confiança dos dirigentes, conquistando, em 1969, a vaga do Brasil para o maior evento de futebol do mundo (MAGALHÃES, 2012). Neste ano, a seleção brasileira vinha recebendo diversos elogios nas edições de revistas, como por exemplo, na revista VEJA, Nº 51, de 27 de agosto de 1969, em que levava como título “O novo futebol brasileiro”, destacando a organização do time em campo e a atuação de João Saldanha como técnico. (SARTORI, 2016)

A Seleção brasileira era peça fundamental para passar a imagem de um Brasil em crescimento e unido, através do futebol. tanto que, pensando nessa aproximação, o presidente Médici propôs, pouco depois de sua posse, uma recepção ao astro do futebol, o rei Pelé, em comemoração ao seu milésimo gol. Havia uma grande preocupação de a imagem do rei do futebol ser usada pela oposição (CHAIM, 2014).

No início de 1970, o ano da consagrada Copa do Mundo, o técnico João Saldanha é demitido do comando da seleção brasileira, apesar dos diversos elogios recebidos no ano anterior. Não era novidade o fato de que o técnico demitido era de oposição à ditadura militar. Isso era uma das controvérsias da CBD ao convidá-lo ao cargo de técnico. (SARTORI, 2016)

Saldanha criticava duramente o regime militar. Isso entre outros motivos poderiam ter dado sua retirada do comando técnico. A seleção não vinha tão bem como nas eliminatórias para a Copa do Mundo. Diversas mudanças ocorreram na convocação dos atletas, João teria se desentendido com o presidente Médici, já que este era a favor da escalação do jogador do Atlético-MG, Dário:

Médici, presidente militar do Brasil, ao que parece tinha grande simpatia pelo atacante do Atlético Mineiro, Dario e Armando Nogueira em sua coluna no Jornal do Brasil comentou de forma breve e despreocupada essa simpatia presidencial pelo referido jogador.

Porém, a história ganhou uma dimensão muito maior, foi afirmado que o presidente estaria querendo escalar o time de Saldanha e nesse sentido fazia questão da presença de Dario no selecionado brasileiro. Ao ser indagado por um repórter se convocaria Dario, jogador prestigiado junto ao presidente Médici, Saldanha respondeu que “o presidente escala o ministério dele que eu escalo o meu time. (BORGES, 2007, P. 128)

Houve, também, um desentendimento com o astro Pelé o que piorou sua situação. Além disso, surgiram os boatos de que Saldanha denunciava para o exterior os crimes cometidos no regime militar (LÍVIA, 2010). O fato é que não dá para apontar o real motivo da e da demissão do técnico João Saldanha, mas que haviam fortes indícios de intervenção do governo na Confederação Brasileira de Desportos, consequentemente, na seleção brasileira.

Assume em seu lugar o técnico campeão da Copa do Mundo de 1970, Mario Jorge Lobo Zagallo, que era um dos que negavam a interferência do governo militar na seleção brasileira. Sua equipe era formada pelos militares Cláudio Coutinho, Carlos Alberto Parreira, Raul Carlesso e José Bonetti.

5. A COPA DO MUNDO DE 1970

Conforme Livia Magalhães (2012), a Copa do Mundo de Futebol é o evento mais importante do esporte para países como o Brasil. É a identidade brasileira representada nas quatro linhas. Um mês de muitas tensões, inclusive políticas.

Para alguns países, as Copas do Mundo são o momento máximo de expressão do nacionalismo através deste esporte, pois é quando as nações são ratificadas em cada seleção. E é neste contexto que alguns governos passam a considerar a equipe de futebol pela pátria que representa. (MAGALHÃES, 2012, p.4)

Nessa onda que o ditador Médici surfou, afim de aproveitar a Copa de 1970, realizada no México, para associar a conquista no campo de futebol com

um momento positivo do governo, através de bandeiras, hinos, propagandas e todos os elementos nacionais.

Cabe salientar que, nesse mesmo ano, o Brasil passava pelo milagre econômico período em que o Brasil viu seu PIB nas alturas e junto a isso, uma queda da inflação, além de investimentos no setor industrial brasileiro. Conforme Elio Gaspari (2002, p.213), “O ano de 1969 fechara sem deixar margem a dúvidas: 9,5% de crescimento do Produto Interno Bruto e inflação estabilizada pouco abaixo dos 20% anuais”, mesmo que tivesse acentuado a desigualdade social no país, aumentando a concentração de riqueza até o fim da ditadura, além da implementação do arrocho salarial.

Com toda importância do futebol apresentada, esporte valioso, tornou-se um instrumento de marketing e propaganda para o governo. O aparecimento da televisão a cores, na década de 70, potencializou toda a festa proporcionada pela Copa do Mundo, algo que fez com que a seleção se tornasse o centro das atenções mais do que já era.

A marchinha de carnaval, “para frente Brasil”, composta por Raul de Souza e Miguel Gustavo que dizia: “Noventa milhões em ação. Para frente Brasil, no meu coração. Todos juntos, vamos pra frente Brasil, Salve a Seleção”, se transformou em um símbolo da ditadura, criando a ideia de unidade, uma união do esporte e da nação. Nessa ideia, o famoso slogan “ame-o ou deixe-o” também foi usado como forma de propaganda na vitória da seleção brasileira. (NETO, 2016)

A imagem do principal jogador da “amarelinha”, Pelé, tornou a ser utilizada pela ditadura:

Pelé tornou-se para o regime o símbolo desse boom, que os economistas denominaram o “Milagre Brasileiro” [...] Nos anos 1970, os ditadores mostravam seu rosto em outdoors ao lado de seus slogans (“Ninguém segura este país!”). Nos eventos oficiais, executava-se a música tema da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela equipe liderada por Pelé. (FOER, 2005, p.111)

Após a conquista do título da Copa do Mundo de 1970, a cereja do bolo que faltava, proporcionou-se a Médici a tão almejada popularidade:

[...] o surgimento de uma peça imprevisível e idolatrada que agiu sobre o povo e o governo com poderes praticamente mágicos alterou com uma intensidade fora dos padrões convencionais aos rumos do jogo político e propôs novamente, em termos inéditos, o importante problema da popularidade de um governo revolucionário. Esse estranho agente da felicidade coletiva foi uma estatueta de ouro: a Taça Jules Rimet. Sua chegada a Brasília provocou o alegre encontro, num só aplauso, da multidão com o General Garrastazu Médici. As reações populares e o júbilo governamental fizeram com que a imagem do presidente da república surgisse de uma forma inteiramente nova, buscada por todos há seis anos com muita persistência e algumas decepções. (Carta ao Leitor. Veja, 01/07/1970, p. 17)

A Década de 1970 é o período em que o governo militar tirou maior proveito do futebol, para que obtivesse apoio social, principalmente na Copa do Mundo de 1970, realizada no México, em que a seleção brasileira se consagrou campeã, associando a conquista no campo com o “sucesso” econômico. Logo, essas realizações encaminhavam para que o governo ditatorial que se ocorria ganhasse credibilidade, o que fez potencializar o momento de euforia que passavam os brasileiros. A importância de vencer uma copa: unir o povo, relacionar a vitória do futebol com uma vitória política, estabilizando o governo. Em contrapartida, aumentava-se a repressão e a tortura e todo esse clima de euforia desviavam as atrocidades do foco.

6. A TAÇA DA INDEPENDÊNCIA E A CRIAÇÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO

Após grande euforia da conquista da copa do mundo de 1970, o futebol se manteve em evidências no Governo Médici. O futebol também era um instrumento, parte do processo do Plano de Integração Nacional (PIN), decreto-lei do governo, que tinha como objetivo tirar proveito da dimensão do Brasil,

ocupar as áreas mais vazias e, assim, promover o desenvolvimento das mesmas, principalmente no Norte e Nordeste. (SOARES, 2015)

O Ministro de Planejamento e Coordenação geral, deixou claro, no plenário da câmara dos deputados o que esperar do Programa de Integração Nacional para com a região Norte:

Desejo, desde logo, deixar claras as conclusões a que pretendo chegar, e que constituem definição de Governo do Presidente Médici, a saber: o Programa de Integração Nacional é, antes de tudo, a favor do Nordeste, do seu crescimento presente e da criação, na região, de um processo auto sustentável de desenvolvimento; não haverá perda de recursos para o Nordeste, mas, antes, maior apoio do Governo Federal; não haverá perda de ritmo da industrialização; não haverá diminuição do programa do Banco do Nordeste; haverá intensificação dos dispêndios federais no Nordeste.

Em relação ao futebol, os dois pilares que fizeram parte do projeto de integração nacional foi o Campeonato Brasileiro e a Taça da Independência. A criação do campeonato brasileiro, em 1971, resultou em um aumento de participantes do torneio nacional, com um clube representante a mais de Minas Gerais e Pernambuco uma vaga para o estreante estado do Ceará. A mudança no ano de criação do Campeonato Brasileiro foi pouca. Entretanto, em 1972, a ideia da integração nacional fez mais sentido no mundo do futebol, quando mais vagas foram abertas: uma para o Estado do Pará, um clube representando o Amazonas, também para Sergipe, Alagoas, Bahia e Rio Grande do Norte, que receberam vaga para um clube representante para cada Estado. Todas as vagas foram abertas para Estados da região Norte-Nordeste, os mesmos que receberam novos estádios. (Chaim, 2014)

A Taça da Independência, disputada em 1972, fez alusão aos 150 anos da data da Independência do Brasil. Foi um torneio que procurou prolongar as comemorações da Copa do Mundo de 1970 ou ao menos reacender na memória a mágica seleção campeã. Sua ideia foi realizar uma Mini Copa, nos mesmos moldes da Copa do Mundo, disputada por grandiosas seleções. Em

relação ao Programa de Integração Nacional, os novos estádios da região Norte-Nordeste, que foram haviam sido recentemente construídos, foram mostrados ao mundo, receberam jogos da Taça da Independência. Até mesmo Estado com pouca tradição futebolística, como o Amazonas, que no momento não havia ainda recebido vaga para um representante no Campeonato Brasileiro, foi presenteado com jogos da Mini Copa. (Chaim, 2014)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudando e compreendendo a utilização do Futebol nas propagandas da Ditadura Militar do Brasil, foi possível verificar o poder do esporte mais popular do país e a capacidade deste de se relacionar com a política se tornando um instrumento para a promoção do regime militar e de trazer consigo uma ideia de nação. Dessa forma, influenciou a grande massa a passar por uma atmosfera eufórica, ligando as vitórias do esporte com a legitimidade do governo e, conseqüentemente, enfraqueceu os protestos de oposição.

De fato, não é a primeira da última vez que um governo utiliza do futebol como ferramenta política e, provavelmente, não será a última. Durante a Era Vargas, o futebol foi um instrumento político que visou a criação de um laço entre o governo e o futebol. Como exemplo recente, pode-se observar a aproximação do presidente do Brasil, Bolsonaro, com o futebol para sua popularidade.

Obviamente, cada acontecimento com seus objetivos e seus modos específicos, mas nota-se o interesse ao redor do esporte mais praticado do Brasil. Com isso, a presente pesquisa possibilita analisar essa e outras apropriações do esporte por interesses políticos e, assim, relacioná-las.

REFERÊNCIAS

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MÁXIMO, João. **Memórias do Futebol Brasileiro**. Estudos Avançados. Vol.13, n.37, São Paulo. Sept./Dec. 199.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol. Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro. Pinacothèque: 1982.

DAOLIO, Jocimar. **As Contradições do Futebol Brasileiro**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Año 3, Nº 10. Buenos Aires. Mayo 1998.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil. Uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**; tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2011

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **História do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

CHAIM, A. R. M. **A Bola e o Chumbo: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.

BORGES, L. H. A. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil**. Revista Histórica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, edição nº 24, agosto de 2007.

MAGALHAES, Livia Gonçalves. **A Copa do Mundo da ditadura ou da resistência? Comemorações e disputas de memórias sobre a Argentina de 1978**. Estud. hist. (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 32, n. 68, p. 675-694, Dez. 2019

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado (notas para uma investigação)**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974.

JORGE, Amanda F. G. Z; CASTILHO, Filipe Philipps. **INSTRUMENTALIZAÇÃO DE CAMPO: FUTEBOL, ESTRUTURA E PODER PÓS-64**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2020.

SARTORI, Alex. **A BALA A LETRA E A BOLA: DITADURA E FUTEBOL NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA (1969-1970)**. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2016.